

DICIONÁRIOS DE FIGURAS E MITOS LITERARIOS DAS AMERICAS

Exemplos de Verbetes

GAÚCHO

(contexto sul rio-grandense)



Apresentação/etimologia

À palavra gaúcho são atribuídas várias etimologias: a mais aceita é que gaúcho deriva de gaudério, palavra usada para designar tipos campestres que habitavam as margens do Rio da Prata no século XVIII. Segundo Alberto Juvenal de Oliveira, a palavra apareceu pela primeira vez em 1802 na obra de Felix de Azara, *História de los cuadrúpedes del Paraguay*, na qual o autor afirmava que peões, ginetes, gaúchos e gaudérios traziam sempre o laço e as boleadeiras. O sentido era pejorativo, pois confundia gaúchos com nômades, bandidos, desertores e ladrões. Outras etimologias remetem (1) ao português arcaico *garrucho* (desgarrado); (2) ao araucano *huacho* (órfão, abandonado) ou ainda ao termo andaluz (3) *chaucho* (aventureiro rústico) ou ao cigano (4) *gachó* (estrangeiro). No século XIX, a expressão gaúcho é utilizada para referir ao “homem valente, patriota, bravo e destemido, hospitaleiro, grande cavaleiro e ótimo soldado” (Oliveira, 2002, p. 141-142). Sua origem é mestiça, descendendo da mescla de indígenas, portugueses e espanhóis, tendo sido, a partir do século XVII, instrumento de fixação portuguesa no Brasil meridional.

Histórico

Se o gaúcho esteve no início associado ao nomadismo e à bandidagem, sendo portanto figura marginal do meio rural sulino, com o passar do tempo, ele é heroicizado, ganhando espessura mítica. Seus feitos passam a ser cantados em prosa e verso sempre associado à liberdade que lhe é dada por seu companheiro inseparável: o cavalo. Ao adquirir a

dimensão mítica, o gaúcho passa a ser nomeado literariamente como “centauro dos pampas” ou “monarca das coxilhas”. Até o início do século XX, é esta versão heróica do gaúcho que terá representação literária. Contudo, a partir dos anos 1930, com a mecanização das fazendas e a expulsão do trabalhador rural para a periferia das grandes cidades, inicia-se a decadência dessa figura que será “apeada” de seu cavalo, passando a constituir a massa de trabalhadores que hoje chamamos de sem-terra. A literatura retratará essa decadência do gaúcho, rotulando-o de **gaúcho a pé**, exilado do campo e das distâncias, tendo sido exemplarmente inscrito na ficção, sobretudo por Cyro Martins (1908-2000??).

Campos de aplicação

O objetivo no âmbito desse verbete é o de mostrar como a literatura brasileira, e sobretudo a do Rio Grande do Sul inscreveram essas duas vertentes do mito do gaúcho: o **gaúcho a cavalo**, senhor dos pampas, e o **gaúcho a pé**, triste e deserdado das lides campeiras e que passa a integrar o grande grupo dos trabalhadores rurais, desfavorecidos e marginalizados no interior do sistema, chamados de sem-terra.

Gaúcho a cavalo – monarca das coxilhas

Foi Alencar, no romance *O gaúcho*, quem criou a matriz textual do regionalismo de base romântica que deu dimensão mítica à figura do gaúcho, heroicizando seus atos, seu nomadismo e sua liberdade. Aqui o herói é inseparável de seu cavalo, ao qual atribui um nome feminino: Morena. Com esse romance inaugura-se o ciclo eqüestre do gaúcho no qual o gaúcho será louvado por seu nomadismo e liberdade, saindo campo fora em busca de façanhas. Esse tipo de regionalismo alicerçado na figura do campeador rio-grandense dará seus melhores frutos na ficção de Simões Lopes Neto e Alcides Maya.

Simões Lopes Neto, em *Contos gauchescos e lendas do sul* (1912), cria a figura do guasca “a um tempo leal e ingênuo”, Blau Nunes, que não pode ser imaginado sem a sua montaria. O relato de todos os incontáveis casos, que sua prodigiosa memória revive ao pé do fogo dos galpões, inclui como peça importante da narrativa, o pingo, companheiro inseparável.

Blau Nunes que se torna personagem-símbolo da visão idealizada do gaúcho, é fruto do desejo do autor, por seu amor ao pago, de preservar a figura de nossos ancestrais. Encontramos nas páginas de *Contos gauchescos* o melhor registro do gaúcho andarengo de

outras épocas. Como afirmou Guilhermino César, “Blau virou mito para enobrecer a ação dos homens, e como tal, sua força de permanência supera o real e o concreto” (César, 1973).

Talvez tenha sido Alcides Maya o escritor que viveu mais intensamente, no Rio Grande do Sul, a crise da passagem de uma consciência ingênua, não contestatória da realidade social, a uma consciência crítica dessa mesma realidade. Escritor de sólida formação intelectual e atento às mudanças aportadas pelas décadas iniciais do século 20, Alcides Maya reconhece o estatuto agônico do ciclo que gerou o gaúcho como figura heróica. Essa percepção das transformações do momento presente não o impediu de continuar descrevendo o gaúcho com as cores nostálgicas de um passado pleno de feitos heróicos. Embora não desconhecesse o processo de decadência de nossa tradição rural, não encontrou os meios de desvincular-se de uma tradição literária fortemente enraizada não só nele como em seus contemporâneos mais ilustres, que enaltecia a figura do gaúcho a cavalo. Alguns de seus títulos como *Ruínas vivas* e *Tapera* (1911), por seu inegável pessimismo, anunciam o limiar de uma nova era na literatura gaúcha.

Gaúcho a pé

Pedro Wayne, em *Xarqueada* (1957), descreve o vasto painel de desajuste social gerado pela decadência das charqueadas do Rio Grande do Sul com o advento sobretudo de modernos sistemas de refrigeração. Os personagens que trabalham na dura labuta das charqueadas recebem remuneração injusta, sem as menores condições de higiene. O livro busca flagrar o início de um processo de tomada de consciência coletivo por melhores salários e condições mais favoráveis de trabalho, dando origem ao surgimento do sentimento de classe que passará a unir os trabalhadores que nunca são chamados de gaúchos. Finalmente, sob a liderança dos personagens Luiz e Januário, é deflagrada a greve que, apesar de ser uma tentativa frustrada quanto à obtenção de melhoria salarial, significou uma vitória na medida em que Dionísio, o patrão, readmitiu todos os funcionários que havia demitido.

Ivan Pedro de Martins, em *Frenteira agreste* (1944), “põe a nu, com uma desenvoltura constrangedora, um dos capítulos da realidade rio-grandense que o regionalismo tradicional ignorava inteiramente, quase sempre empenhado no culto e preservação de certo heroísmo messiânico”(Vellino, 1960, p. 157).

A importância maior do autor de *Frenteira agreste* está na sua capacidade de apreensão do problema de injustiça social não apenas no nível imediato do estancieiro em relação ao

peão; apresenta a questão em nível de sistema: a origem da degradação do gaúcho está na imprevidência de nossa estrutura social e econômica”. A revolta de Seu Guedes e Darcy, personagens do romance, é instintiva. Eles têm a consciência difusa de que, se todos soubessem que as coisas estão erradas, talvez alguém soubesse como acertar: “Se uns pode tê de tudo, porque nós não podemos? Se num tá direito, isto tem de mudá” (Martins, I.P., 1944, p. 121). A prosa traz reminiscências de um passado heróico e rústico as quais não traduzem o tom saudosista dos heróis do regionalismo tradicional, servindo antes para salientar a decadência do momento presente:

“Naquele tempo tudo se resolvia a cavalo, até as guerras eram decididas a ponta de lança. ‘Gaúcho a pé é a última coisa!’, isto é ditado de tempos velhos. As coxilhas ouviram este ditado como ouviram a cavallhada, como beberam o sangue derramado nas lutas passadas. Depois as coxilhas viram homens que lhes rompiam as entranhas para cavar estacas; pelas estacas passaram arames para dividir os campos”(Fronteira *agreste*, p. 121).

Aureliano de Figueiredo Pinto, em *Memórias do coronel Falcão* (VER DATA DA PRIEMIRA EDICAO), retoma de maneira contundente o tema da amarga fuga do gaúcho do campo para a cidade. O coronel Falcão preocupa-se com a falta de amparo previdenciário ao trabalhador rural: posteiros, peões, agregados, enfim todo o proletariado rural está à mercê da exploração patronal. São encarados unicamente como unidade econômica: no momento em que a fazenda, colhida pela engrenagem capitalista, passa a demandar menos empregados, aqueles que, por estarem velhos e doentes não representam mais bom rendimento econômico, são sumariamente demitidos. Esse é o tema de *Memórias do coronel Falcão* que conclui melancolicamente com a retirada do coronel da vida pública para uma pequena invernada, único bem que lhe sobrou, tendo vislumbrado a impossibilidade de resolução dos problemas do gaúcho “despilchado”, sem a alteração da conjuntura sócio-econômica do país como um todo.

Cyro Martins compõe com *Sem Rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954), a assim chamada trilogia do gaúcho a pé, entre 1937 e 1954. Nos três romances, podemos observar o início do processo de marginalização das personagens em consequência da migração para a cidade. Em *Sem rumo* e *Porteira fechada*, encontramos personagens que, chegando à cidade, entregam-se a qualquer tipo de trabalho para garantir a subsistência, passando a integrar as classes subalternas. *Estrada nova*, entretanto, traz um elemento novo na paisagem literária de Cyro Martins: além do peão, cujo anseio é retornar à fazenda e reintegrar-se às lides campeiras, surgem personagens como Ricardo, intelectual que

questiona a situação em toda a sua complexidade e não apenas em termos de lembranças nostálgicas do passado. O elemento novo no último romance que integra a trilogia é que a decadência do gaúcho acaba gerando o esvaziamento da campanha, o que Cyro Martins chama ironicamente de a “paz dos campos”, desencadeando a decadência dos coronéis. O coronel Teodoro, proprietário da fazenda se depara com a calamidade que representa para ele a queda do umbu que ele tanto admirava. “A árvore soberba, apoio de sua vida e de seu coração, não mais existia” (*Estrada nova*, p. 119). Ele também será “expulso” para a cidade, pois não agüenta a “linda mas triste” paz que invade os campos com a retirada da gauchada.

Se nos dois primeiros romances não há nenhuma abertura em termos de equacionamento do problema, em *Estrada nova*, além do suave alento da esperança, é mencionada a possibilidade de solução através da reforma agrária. Fica contudo em aberto a maneira pela qual a solução virá: os homens da estrada nova reivindicarão simplesmente uma ordem social mais humana ou pretenderão uma transformação radical do sistema?

Síntese crítica

Se *O gaúcho*, de Alencar, foi a matriz textual que desencadeou o regionalismo de base tradicional alicerçado na exaltação da figura do gaúcho “monarca das coxilhas”, foi sem sombra de dúvida *Martin Fierro*, de Hernandez, quem orientou a mudança de rumo da literatura sul-rio-grandense, em direção a um regionalismo dissidente, que preferiu focalizar o gaúcho a pé, pobre, doente, marginalizado e expulso de seu habitat natural – o campo – para a periferia das grandes cidades.

A transição a que aludimos, do regionalismo tradicional ao dissidente, e que pode ser interpretado como a passagem da gratuidade ao comprometimento, representou efetivamente, na literatura dos escritores desta fase, uma resposta não só ao momento histórico em que viviam, mas ao Modernismo. Em 1922, enquanto Rio e São Paulo se encontram em plena efervescência, decorrente da revolução trazida pela semana de Arte Moderna, a vida literária no RS era de marasmo total. Somente a partir de 1925, essa o novo ideário modernista começa a repercutir no sul do país. O modernismo assumiu no Rio Grande do Sul feição própria, como o regionalismo, decretando a falência do regionalismo folclórico, levando os intelectuais a refletir sobre a necessidade de mudanças. Tal reflexão conduziu a uma revitalização do regionalismo que passou a substituir a tendência romântica pela perspectiva realista de aproveitamento crítico, com finalidades artísticas, de uma

realidade social que mudara com a expulsão do gaúcho do campo para os meios urbanos para os quais não estava preparado nem psicologicamente nem profissionalmente. O novo rumo do regionalismo traduz a realidade como problema: passa-se a retratar o gaúcho cada vez menos solidário com os códigos sociais, premido pela pobreza e pela doença. A perda do cavalo é emblemática da mudança e da sua inadaptação ao trabalho nas cidades, levando-o muitas vezes à mendicância, à subnutrição de seus filhos e até a morte.

Bibliografia literária

ALENCAR, José de. *O gaúcho*. 9.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

AZAMBUJA, Darcy. *No galpão*. 7.ed. Porto Alegre: Globo, 1955.

FIGUEIREDO PINTO, Aureliano. *Memórias do coronel Falcão*. 2.ed. Porto Alegre: Movimento. 1974.

LOPES, João Simões Neto. *Contos e lendas*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937.

..... *Porteira fechada*. 3. ed. Porto Alegre: Movimento, 1976.

..... *Estrada nova*. São Paulo: Brasiliense, 1954.

MARTINS, Ivan Pedro. *Fronteira agreste*. Porto Alegre: Globo, 1944.

MAYA, Alcides. *Tapera*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

WAYNE, Pedro. *Xarqueada*. Rio de Janeiro: Guanabaram 1957.

Bibliografia teórico-crítica

BERND, Zilá. *O gaúcho a pé; estudo do romance social de Cyro Martins*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1977. mimeo.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

..... Para o estudo do conto gauchesco II. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20/01/1973.

OLIVEIRA, Juvenal Alberto. *Dicionário gaúcho*. Porto Alegre: AGE, 2002.

VELLINHO, Moisés. Romance proibido. In *Letras da Província*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1960.

Autora do verbete: Zilá Bernd

Ver também: Gaúcho (platino), Mãe Terra, *Cowboy*, Sertanejo, Centauro, Sem-terra.